

Seminário Temático – I ENANPARQ

Acessibilidade como princípio para a identificação urbana e a afetividade ambiental

Regina Cohen, Arq. Dr., Pós-doutoranda Proarq-UFRJ
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

RESUMO

A relação de obstáculos encontrados na cidade é grande e assistimos diariamente o surgimento destes, às vezes intransponíveis. Temos visto com preocupação a volta do tema das barreiras físicas ou de acesso desvinculado de suas implicações na busca pela agradabilidade ou pelo sentido de pertencimento aos Lugares.

Conforme Calvino (1990), a cidade ideal é feita de exceções, impedimentos e contradições. Para algumas pessoas com mobilidade reduzida ou com alguma deficiência estas proibições surgem como complexidades adicionais ao terem de lidar com a exclusão espacial decorrente das barreiras físicas que prejudicam o seu processo de moldagem do Lugar, a sua apreensão da cidade, a sua identificação urbana e a sua afetividade ambiental. Mas, mesmo cerceados pelos limites impostos, o corpo, o espaço e o movimento fazem parte do universo existencial destas pessoas. O corpo envolve a esfera primária que dá à pessoa o sentido de suas competências com relação ao ambiente. Esses limites, quando respeitados e aceitos no âmbito de projetos urbanos e arquitetônicos acessíveis, são capazes de inscrever em torno das pessoas com deficiência o alcance possível de seus objetivos e representam a possibilidade de mobilidade que leva à conquista de um Lugar no espaço.

A experiência espacial envolve diferentes competências motoras, emocionais e sociais que agem segundo uma percepção situada no tempo e no espaço. Isso aponta para a necessidade de transformação das atividades projetuais de arquitetos e planejadores urbanos no sentido de dotar os espaços com atributos que possibilitem às pessoas uma identificação com a cidade por meio do seu processo de moldagem do Lugar (Duarte, 1993).

De fato, buscamos mostrar aqui que, para que uma pessoa possa criar experiências positivas dos espaços e afeto ao Lugar, é preciso que ela seja capaz de se introduzir em seus espaços com seu corpo e seus sentidos, e que estes lhe permitam que sua experiência espacial se concretize de forma satisfatória.

IDENTIFICAÇÃO URBANA, AFETIVIDADE AMBIENTAL E ACESSIBILIDADE

O corpo só pode ser pensado na sua relação com os ambientes que o situam. Através de sua motricidade que é o momento que antecede o movimento e a mobilidade, ele se introduz e se situa, estabelecendo a identificação com o lugar e proporcionando a identidade da própria pessoa. Com esta visão, conseguimos articular este espaço objetivo e concreto com o mundo subjetivo vivido pela Pessoa com Deficiência que possui dificuldades motoras e esquemas corporais próprios. Entendemos que para esta pessoa, a relação da sua mobilidade reduzida com a maneira como percebe devem estar relacionadas e é indissociável da sua atividade e do seu ambiente.

A evolução da noção de deficiência faz com que investiguemos as situações que são oferecidas pela cidade para que a Pessoa com Deficiência se situe nos seus ambientes sensíveis e imprima a marca de sua identidade? Como esta relação acontece?

Segundo Proshansky (1974), a identificação com o lugar - “place identity” ou “place attachment” - é um componente importante da personalidade do indivíduo e se caracteriza pelos aspectos

cognitivos e afetivos. Estas dimensões também são introduzidas pelos trabalhos na área da etnometodologia e, em especial, o de Jean-Paul Thibaud sobre as ambiências.

Relações afetivas podem se estabelecer a partir da identificação com o lugar, fenômeno que inclui múltiplas variáveis e fez nascer este interesse pelas pesquisas de “*place identity*” ou “*place attachment*”. Pensar no contexto das sensações também introduz no processo de avaliação dos lugares, as oportunidades das situações que são oferecidas para que a pessoa se sinta bem e tenha o controle deles. A identificação com os lugares pode variar de acordo com a identidade social e psicológica dos sujeitos, com a importância dada aos objetivos que se pretende alcançar nos ambientes, com sua ligação e afeição e com seu pertencimento.

Sob este ângulo, podemos pensar nos corpos em termos de percursos e práticas ambientais diversificadas e situadas em diferentes contextos. O ambiente se destaca assim como objeto concreto da percepção situada capaz ou não de proporcionar o sentido de identidade pessoal da pessoa com o lugar, sua e sua apropriação dos espaços.

A relação de obstáculos físicos encontrados neste processo é grande e costuma ser mencionada tanto pelos sujeitos que caminham e percebem, quanto por quem têm se dedicado às pesquisas sobre os componentes e efeitos que as barreiras têm no comportamento destas pessoas¹.

Barreiras dificultam a apropriação do espaço, a identificação, o sentido de pertencimento ou “*ancrage*” (Santana, 2003. Frossard, 1998) e funcionam como signos de proibição dos percursos e da locomoção pela cidade.

Mesmo com estas barreiras ou cerceados pelos limites impostos, corpo, espaço e movimento fazem parte do universo existencial da pessoa e também foram tratados de maneira interdependente pela fenomenologia. O corpo envolve esta esfera primária que é sua motricidade que dá para a pessoa o sentido de todas as suas competências com relação ao ambiente. Os lugares no espaço, segundo Merleau-Ponty, “inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos e de nossos gestos” (1996: 199). O alcance destes objetivos representa a possibilidade de nosso movimento, de nossa acessibilidade ou de se conquistar pontos no espaço e, como conseqüência, a identificação que com eles podemos ter.

Temos assim o caráter do corpo situado no lugar também defendido pela etnometodologia que se utiliza destes fenômenos para contextualizar a mobilidade urbana corporal e social que constitui a identificação com uma ambiência. Esta, por sua vez, também é produto do conhecimento dos “*fatos urbanos*” (Rossi) que geram estes laços afetivos ao que poderíamos denominar de uma antropologia urbana do corpo e das emoções. Com estas noções, pode-se também compreender melhor o sentimento de identificação, pertencimento ou attachment a um lugar.

¹ Dentre estas pessoas podemos mencionar Regina Cohen e Cristiane Rose Duarte em suas pesquisas sobre a acessibilidade.

Ao interagir com o meio, ao percorrer o lugar e caminhar, uma pessoa com deficiência estará vivendo o que este meio está lhe oferecendo e tentando agir com seu corpo e sua mobilidade. Suas sensações positivas ou negativas, seus afetos ou seus medos poderão representar a consolidação de sua própria identificação com o lugar de sua morada que consegue compensar as ameaças que encontra.

Uma outra maneira de avaliar a identidade espacial de uma Pessoa com Deficiência está nas interpretações e nos significados a partir de sua experiência vivenciada e de seu corpo situado no espaço. Quando os significados são vividos e “corporificados no espaço” (Ribeiro. 2003: 48), as pessoas adquirem uma habilidade espacial e uma identificação com os lugares.

A inacessibilidade comprometerá a identificação da Pessoa com Deficiência com o seu ambiente imediato. Interessa-nos estes lugares antropológicos apropriados pelas pessoas através de um dos sentidos, dentre os quais está o da cinestesia ou movimento e, particularmente, seus ambientes sensíveis.

A característica do meio de proporcionar sensações confere o que se pode chamar de “ambiente sensível” ou a capacidade que um espaço possui de provocar sentimentos, laços, emoções e uma certa afeição pelo lugar. Os ambientes urbanos também influem no sentimento de bem-estar ligado ao fato de viver em um lugar e ao contrário, um sentimento de perda quando somos obrigados a deixá-lo.

Desta maneira, as Pessoas com Deficiência desenvolvem ou não papéis ativos no meio e são capazes de se mover de acordo com estas situações urbanas encontradas. A análise da percepção situada de nosso sujeito envolve também a questão da intersensorialidade.

Considerando-se alguns estudos sobre o corpo e a percepção do movimento, os organismos não evoluíram num mundo estático de estímulos simples e isolados que não permitia demonstrar a riqueza informacional do meio ambiente. A interconexão entre os esquemas corporais (motricidade) e seus movimentos de um ponto a outro no espaço (mobilidade) fornece ângulos de visão específicos de acordo com o contexto onde a pessoa se localiza. Uma pessoa que se locomove em cadeira de rodas, por exemplo, situa-se em um ponto de observação que lhe proporciona um conjunto de informações completamente diferentes de uma outra que está caminhando em pé. Sua experiência ao caminhar pode mostrar situações que não influenciam na percepção de pessoas que não enxergam ou não ouvem.

Assim, além da mobilidade reduzida gerada pela deficiência física, têm-se também as situações das deficiências sensoriais (visão e audição) que demandam outros sentidos para a percepção e orientação dos espaços.

Pode-se complementar esta abordagem, considerando-se também pelo viés situacional do tato e da audição nas diferentes dimensões intersensoriais de percepção de uma ambiência urbana.

Os espaços só existirão para as Pessoas com Deficiência na condição de sustentar seu caminhar e como um dos meios de constituição de seu mundo. O corpo deficiente poderá atuar quando sua percepção motora e suas intenções lhe oferecerem um espetáculo urbano variado condicionado pelas respostas que ele procura encontrar nos lugares.

Assim, a mobilidade urbana do ponto de vista de situações de percepção situada conforme uma deficiência também envolverá sentimentos destas pessoas no seu percurso. A diversidade de fenômenos fornecem um conjunto de sensações e de percepções que fazem com que o ambiente seja dotado deste poder de mobilização capaz de gerar medos e inseguranças, mas também emoções e afetos pelo lugar.

Somado a tudo isto, pode-se também acrescentar a questão da acessibilidade que não está condicionada apenas às características físicas dos ambientes, mas pode ser também, como colocado por Thomas (2000), a “expressão motora de uma afetividade”. O ambiente sensível urbano assume, assim, este papel fundamental no fornecimento das habilidades dando um sentido à dinâmica da percepção situada das pessoas e despertando sentimentos na sua relação com a cidade.

Com o que acaba de ser colocado, surgem algumas questões de ordem prática: Como é a relação das Pessoas com Deficiência e os ambientes urbanos sensíveis da cidade? Como elas se locomovem? O que elas sentem ao se locomover?

As respostas a estas questões só podem ser fornecidas pelos discursos das próprias pessoas ao percorrerem estes ambientes e mais do que isso, pela tradução desta descrição no percurso e na linguagem que se traduz também no caminho que acabaram de percorrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNT. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. NBR 9050/2004.
- AMPHOUX, P. ; THIBAUD, J-P ; CHELKOFF, G. **Ambiances en Débats**. Bernin : Editions A la Croisée, 2004
- AUGOYARD, Jean-François. **Mise en pièces du citadin**. In Jean-Paul Thibaud [Org.]. **Regards en Action : Ethnométhodologie des Espaces Publics**. À la croisée, 2002.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COHEN, Regina. **Cidade, Corpo e Deficiência: Percursos e Discursos Possíveis na Experiência Urbana**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2006
- DUARTE, Cristiane Rose.: **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvrete Urbaine: Vila Pinheiros, a Rio de Janeiro** - These de Doctorat de l'Universite Paris-I Panthéon Sorbonne, 1993
- DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, R.. **Research and Teaching of Accessibility and Universal Design on Brazil: Hindrances and Challenges in a Developing Country**. In: Nasar, J.; Evans-Cowley, J. (Org.). **Universal Design and Visitability : from Accessibility to Zoning..** 1 ed. Columbus: National Endowment for the arts, 2007 p.115-146.
- DUARTE, Cristiane Rose & COHEN, Regina. **Espaços Acessíveis: Estratégias de Inclusão de Pessoas com Deficiência nos Espaços Públicos**. Relatório de Pesquisa. Núcleo Pró-acesso / Proarq/ UFRJ/ CNPq, 2005.
- DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina. **Afeto e Lugar: A Construção de uma Experiência Afetiva por Pessoas com Dificuldade de Locomoção**. In Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano. Rio de Janeiro, 2004. disponível em: www.proacesso.fau.ufrj.br

- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Segregação e Exclusão Socio-Espacial: a questão dos portadores de deficiência física.** In: Anais do VI Encontro Nacional da ANPUR, Brasília, 1995.
- DUARTE, Cristiane Rose ; COHEN, Regina ; SANTANA, Ethel P. ; BRASILEIRO, Alice ; PAULA, Katia C.L.de ; UGLIONE, Paula. **Exploiter les ambiances : dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture.** Actes du Colloque International « Faire une Ambiance » - Cresson/ École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble, 2008
- DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice; SANTANA, Ethel; PAULA, Katia de; VIEIRA, Mariana; UGLIONE, Paula. **O Projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído.** In: Duarte, C.R; Rheingantz, P.A; Azevedo, G.; Bronstein, L. (orgs). O Lugar do Projeto no Ensino e na Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, Contra Capa Editora, 2007 -pp. 504-519
- MOLES, Abraham A. ; ROHMER Élisabeth. **Psychologie de l'espace.** In RAGON, Michel [org]. Belgique : Casterman, 1978.
- PAULA, Katia Cristina Lopes de. **A arquitetura além da visão: uma reflexão sobre a experiência no Ambiente Construído a partir da percepção de pessoas cegas congênitas.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Proarq/UFRJ, 2003.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In:Estudos Históricos. Vol. III, Ass. de Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV, Rio de Janeiro: 1992.
- PROSHANSKY, Harold M. ITTELSON, William H. ; et all; **An Introduction to Environmental Psychology.** New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974.
- RIBEIRO, Claudia R. Vidal. **A Dimensão Simbólica da Arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto.** Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/ Arte, 2003.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- THIBAUD, Jean-Paul. **Une approche pragmatique des ambiances urbaines.** 2004. In THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. **Ambiances en Débats.** À la croisée, 2004.
- THOMAS, Rachel. **Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l'accessibilité piétonnière des villes.** Thèse de Doctorat en sciences pour l'ingénieur: Université de Nantes, École Polytechnique, 2004.
- THOMAS, Rachel. **Les trajectoires de l'accessibilité.** Bernin : Editions A la Croisée, 2005.